O RACISMO NO FUTEBOL COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: A DIVERSIDADE ENTRA EM CAMPO

Marcos Vinícius Guimarães de PAULA[1]
Lucimara Cristina Borges da SILVA[2]

GT 06 – DIVERSIDADE, INCLUSÃO E EDUCAÇÃO ESPECIAL

RESUMO
O texto a seguir discute sobre o racismo no futebol como conteúdo da disciplina de Educação Física objetivando contribuir para a valorização da diversidade e a desconstrução do preconceito. É relatada uma experiência pedagógica desenvolvida na disciplina de Educação Física com duas turmas de sexto ano e duas turmas de oitavo ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de Anápolis, Goiás. Durante as aulas foi discutida a origem do futebol brasileiro, destacando que os negros eram proibidos de participar dos times de futebol, além da contextualização do racismo no futebol no tempo presente. Na ação pedagógica em destaque, os alunos dos sextos anos elaboraram poesias para combater o racismo no futebol e os alunos dos oitavos anos criaram campanhas publicitárias de conscientização sobre a temática em debate fazendo uso das tecnologias da informação e da comunicação. Em relação ao referencial teórico, o texto se apóia em Freire (1998, 2014, 2016) para pensar a respeito da importância da educação escolar como ato político de contribuição social, bem como da possibilidade de mudar os rumos da história. Além disso, as reflexões de Fleuri (1999) e de outros autores foram essenciais para problematizar uma educação para a cidadania que celebra a condição da diferença humana. Desse modo, avalia-se que essa intervenção pedagógica colaborou para despertar as consciências dos educandos em relação à intolerância presente nos campos de futebol, fazendo-os repensar suas ações como sujeitos históricos, inacabados e em processo constante de (trans)formação. Assim sendo, esse trabalho vislumbra e defende uma Educação Física Escolar crítica e humanizadora.

Palavras-chave: Racismo. Futebol. Educação Física Escolar. Diversidade.

[1]Prof. Me. Secretaria Municipal de Educação de Anápolis, e-mail: marcosviniciusguimarãesdepaula@outlook.com
[2]Profa. Mestranda. Secretaria Municipal de Educação de Anápolis, e-mail: cristinaborgessp2006@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

A educação escolar desempenha papel importante no que concerne à construção dos saberes e à humanização. Defende-se uma educação para o desenvolvimento humano, sendo preciso pensar possibilidades de intervenções pedagógicas que valorizem a diversidade e eduquem para o respeito às diferenças.

O texto que segue discorre sobre a possibilidade de se educar na e para a diversidade como ato político. Além disso, descreve uma experiência pedagógica desenvolvida na disciplina de Educação Física em uma escola pública da rede municipal de Anápolis-GO, cujo objetivo centra-se em debater o racismo.

Para estabelecer diálogos reflexivos entre a educação escolar, a disciplina de Educação Física e a diversidade, os argumentos e os ensinamentos de Freire (1998, 2014, 2016), Fleuri (1999) e Furtado (2012) foram essenciais.

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DIVERSIDADE

O presente texto objetiva dialogar sobre a necessidade de uma educação para o acolhimento e a valorização das diferenças. Hoje é preciso pensar a escola como espaço do encontro entre os diferentes. A escola tem muito a colaborar para uma educação humana que ensine a convivência harmoniosa das diferenças.

Primeiramente, acredita-se que é importante que a escola e seus professores compreendam que o processo educativo é uma troca, uma relação dialógica, uma via de mão dupla, em que professor e aluno se encontram, um ajudando o outro dentro de uma relação de interdependência e não de hierarquia. Desse modo, a alteridade é um caminho possível para uma educação cujo objetivo seja a valorização da diversidade. Faz-se necessário pensar a alteridade como objetivo a ser alcançado pela educação escolar. Para isso, Furtado (2012) nos alerta:

> O reconhecimento do "outro" como constituinte, parte integrante de si, deve ultrapassar os muros da teoria, para que a alteridade chegue aos alunos concretamente e, principalmente, seja reconhecida, nas situações e acontecimentos cotidianos, como um valor social e educacional dos mais

> relevantes. A prática docente deve se comprometer com a facilitação da formação de sentido nesse contexto de alteridade (p.06).

A escola tem significativa contribuição a dar para que as ideias da diversidade e da alteridade sejam refletidas e possam cooperar na formação de sujeitos sensíveis ao outro e à vida, uma vez que falta sensibilidade ao humano. Nessa direção, a instituição social escola é um espaço de construção de saberes e de formação humana. É solo fértil para despertar as consciências a respeito das diferenças, resgatando valores importantes, tais como os destacados a seguir: "a confiança no outro, o compromisso com a sociedade e com o planeta, pautado na generosidade e na solidariedade das relações, no mútuo respeito, tentando tornar se cada dia melhor, no exercício cotidiano do bem comum" (SUANNO, 2014, p. 179).

Ora, sendo a escola um espaço de convivência entre diferentes, ela se apresenta como lugar de interação entre culturas, isto é, de relação entre vários outros. Logo, constitui-se um espaço privilegiado para conscientização a respeito da diversidade. A esse respeito, Fleuri (1999) advoga que:

> A educação intercultural se configura como uma pedagogia do encontro até suas últimas conseqüências, visando promover uma experiência profunda e complexa, em que o encontro/confronto de narrações diferentes configura uma ocasião de crescimento para o sujeito, uma experiência não superficial e incomum de conflito/ acolhimento. (p. 280).

Assim, a Educação Física Escolar pode fazer da convivência dos educandos um espaço de aprendizado sobre a diversidade. Nas aulas de Educação Física há uma rica possibilidade de transformações do ser e do fazer dos alunos, pois esses estarão sempre jogando, brincando, dançando, pulando e correndo em grupo. A aula de Educação Física é, na verdade, um encontro humano da diferença. Ali estão o alto, o baixo, o gordo, o magro, o rápido, o devagar, o forte, o fraco, o menino, a menina, o branco, o negro, o ruivo e a loira.

Urge, portanto, conforme Alves (2014),

> O reconhecimento da diversidade, como sendo um elo de construção de palavras integradoras, como fio fortalecedor da tessitura emocional, social e planetária, favorece a construção da verdadeira inclusão, a partir do qual é possível o abraço, a construção de pontes, unindo-nos uns aos outros, o

> reencontro com nossa matriz amorosa e a manifestação da cooperação e da solidariedade. Quanto maior a diversidade de fios, mais forte se torna a trama social e ecossistêmica. (p. 189).

O trabalho com a diversidade na educação e na Educação Física possibilita fazer com que os sujeitos envolvidos teçam juntos a própria vida. E assim, educar para a diversidade nessa área do conhecimento revela-se como uma questão essencialmente política, pois como nos alerta Freire (2014), a educação é um ato político, ou seja, é uma forma de se posicionar no mundo, almejando a transformação social, ainda que pequena, porém significativa. Educar na e para diversidade está de acordo com o pensamento de que "não podendo tudo, a prática educativa pode alguma coisa" (FREIRE, 2014, p. 113).

Dessa maneira, afirma-se que desenvolver práticas pedagógicas na Educação Física a favor das diferenças é uma necessidade para a educação contemporânea, pois se o ser humano é sujeito da história como bem afirma Freire (1998), é possível colaborar na formação de um ser um pensante, que se coloque como um protagonista social capaz de dar sua contribuição na sociedade. Portanto, é preciso pensar uma Educação Física humanizadora que celebre a diversidade humana.

Nesse sentido, esse trabalho passa a compartilhar uma experiência pedagógica desenvolvida na Educação Física Escolar a respeito do racismo no futebol como conteúdo dessa área do currículo escolar. Debater o racismo nas práticas corporais como o futebol ajuda a desconstruir a intolerância e o preconceito.

O RACISMO NO FUTEBOL COMO CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

A ação pedagógica retratada nesse trabalho foi desenvolvida na disciplina de Educação Física com duas turmas de sexto ano e duas turmas de oitavo ano do ensino fundamental de uma escola pública da rede municipal de Anápolis-GO. Foi trabalhado o conteúdo futebol nas turmas citadas, conforme a matriz curricular.

Durante as aulas do segundo bimestre do ano letivo de 2017 foi discutida a história do futebol brasileiro, destacando que inicialmente era vedada a participação dos negros nos times de futebol, além da contextualização do racismo no futebol na contemporaneidade. Para isso,

em uma aula foi realizada uma leitura compartilhada de um texto sobre a temática, bem como foram visualizadas e analisadas imagens recentes que tematizavam casos de racismo no futebol e campanhas de conscientização sobre a problemática em questão. Ademais, foram visualizados vídeos com depoimentos de jogadores de futebol que já sofreram racismo. Para essas últimas ações, o professor das turmas fez uso das TICs (Tecnologias da Informação e Comunicação) para tornar a aula mais interessante e atraente para os educandos, despertando-os para o debate do tema proposto.

Cabe destacar que a aula foi satisfatória com grande participação dos educandos na discussão. Em uma roda de conversa, os alunos participaram efetivamente do diálogo, expressando suas opiniões e citando casos que eles conheciam sobre o racismo no futebol e também em outros esportes e espaços sociais, como os casos da jogadora de vôlei da Seleção Brasileira Fabiana, da atriz brasileira Taís Araújo e da jornalista da rede Globo de televisão Maria Júlia Coutinho, vítimas recentes de ataques racistas nas redes sociais. O professor procurou ouvir todas as vozes dos atores escolares, compreendendo que cada fala era importante para a discussão do grupo.

Em outra aula, o professor propôs que os alunos dos sextos anos elaborassem poesias para combater o racismo no espaço do futebol e que os alunos dos oitavos anos criassem campanhas publicitárias de conscientização sobre a temática fazendo uso das TICs. Para essa ação dos oitavos anos o professor de Educação Física contou com o apoio do auxiliar de tecnologias da escola, responsável pelo laboratório de informática da unidade escolar.

No que tange aos trabalhos produzidos pelos educandos, destacaremos alguns para exemplificar e compartilhar a ação pedagógica. Uma aluna do 6° ano A, por exemplo, construiu uma linda poesia com versos que diziam:

> Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de seu pele. [...]
> Para odiar as pessoas precisam aprender, e se podem
> aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar.
>
> (ALUNA X, TURMA 6° ANO A)

Dessa forma, entende-se que a poesia da aluna expressa justamente a proposta da atividade: ensinar a amar. Debater o racismo na Educação Física Escolar é uma maneira de

ensinar a não machucar o outro. É uma forma de educar para o reconhecimento do outro.

Outro aluno nos inspira com seu texto poético. Ele diz:

> Sonho com um dia em que nos importaremos
> Com as cores no momento de pintar um quadro
> Vamos aprender a amar
> Esquecer o preconceito e a discriminação
> Vamos evoluir e ser um exemplo para próxima geração
> Racismo e preconceito são
> Sintomas de ignorância [...]
> Quem planta preconceito
> Racismo e indiferença
> Não pode reclamar
> Da violência e da falta de amar.
>
> (ALUNO Y, TURMA 6° ANO A)

A poesia construída pelo aluno Y nos emociona. O propósito da discussão do tema e da elaboração da poesia era de fazer pensar sobre a ignorância do preconceito, a maldade da indiferença e a violência do desrespeito. Assim, fazendo uso das palavras do aluno Y, vislumbramos e lutamos por dias "em que nos importaremos com as cores no momento de pintar um quadro."

Vale refletir também no que diz a aluna W por meio de sua poesia. Para ela se combate o racismo no futebol com consciência humana. E a escolha por debater o racismo no futebol como conteúdo da Educação Física Escolar é esse: conscientizar para transformar a história, como nos motiva pensar Freire (2016). A aluna W escreveu:

> Para que tanto racismo
> Não é mesmo?
> Racismo para lá, racismo para cá,
> Por toda parte racismo,
> Até mesmo no futebol. [...]
> O dia em que pararmos de nos preocupar
> Com o racismo no futebol
> E nos preocuparmos com a consciência humana
> O racismo desaparece. [...]
> Dê um cartão vermelho para o racismo.
>
> (ALUNA W, TURMA 6° ANO B)

Em relação às produções do educandos das turmas de oitavo ano, algumas campanhas publicitárias produzidas por eles despertaram atenção. Na maioria delas, os alunos colocaram imagens com mensagens de efeito contra o racismo no futebol. Dentre essas mensagens, destacam-se:

> Respeito não tem cor
> Tem consciência.
> (ALUNAS C e D, TURMA 8° ANO A)
>
> Tire o seu racismo do caminho
> Eu quero passar com a minha cor.
> Racismo nunca
> Irmandade sempre.
> (ALUNA H, TURMA 8° ANO B)
>
> Preconceito racial é uma "doença" que deve ser eliminada da sociedade.
> (ALUNO K, TURMA 8° ANO B)
>
> Racismo é crime!
> Não entre em campo com ele.
> (ALUNO R e ALUNA S, TURMA 8° ANO B)

Nesse caminho, concorda-se com as perspectivas defendidas pelos alunos. É preciso consciência para combater o racismo, que é um crime a ser expulso dos campos de futebol e da vida. A Educação Física em uma perspectiva crítica de educação tem muito a contribuir na cura da doença do racismo. Acredita-se que a cura começa pelo remédio do respeito às diferenças.

A experiência pedagógica aqui compartilhada foi pensada na perspectiva de uma educação para diversidade, tomando como referência a ideia de que a educação não é redentora. Se para Freire (2014) a educação pode alguma coisa, essa ação pedagógica foi desenvolvida com o intuito de fazer algo: combater o racismo e valorizar as diferenças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Urge desenvolver práticas pedagógicas que contemplem a diversidade. Desconstruir os preconceitos, problematizar a discriminação e questionar a intolerância à diferença são objetivos de uma escola conectada com a vida e de professores conscientes de sua função

social.

A educação não salvará o mundo, contudo tem colaboração importante para a construção de uma sociedade menos caótica. Despertar as consciências adormecidas para com o outro é tarefa de uma educação transgressora e humana.

A Educação Física Escolar pode (e deve) ajudar nesse processo de humanizar para transformar. Não há mais espaço para uma Educação Física preocupada apenas com as habilidades físicas dos alunos. As habilidades humanas e as discussões sociais também devem entrar em campo e devem ser trabalhadas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Dolores Fortes. Psicopedagogia e transdisciplinaridade: a sabedoria da diversidade. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação:** sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

FLEURI, Reinaldo Matias. Educação intercultural no Brasil: a perspectiva epistemológica da complexidade. **Revista Brasileira de Est. Pedag**., Brasília, v. 80, n. 195, p. 277-289, maio/ago. 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 8ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. **Política e educação**. FREIRE, Ana Maria de Araújo. (orgs.). 1. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia da solidariedade**. FREIRE, Ana Maria de Araújo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. (orgs.). 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FURTADO, Júlio. **Docência e alteridade**. Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo: COEB, 2012.

SUANNO, João Henrique Suanno. Ecoformação, transdisciplinaridade e criatividade: a escola e a formação do cidadão do século XXI. In: MORAES, Maria Cândida; SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação**: sustentabilidade, transdisciplinaridade e criatividade. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.